

SALVAGUARDA E POSSIBILIDADES DE PESQUISA: OS PRONTUÁRIOS DO ANTIGO HOSPITAL COLÔNIA SANT'ANA

Bruna da Silveira Viana¹

Resumo: Em torno de 22 mil prontuários, datados das décadas de 1940 a 1970, fazem parte do acervo do antigo Hospital Colônia Sant'Ana. Tais documentos hoje se encontram sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (CEDOPE - Ipq/SC), que visa a salvaguarda de um amplo acervo - além dos prontuários constam objetos museológicos, fotografias, fontes orais, livros, entre outros - e o incentivo a realização de pesquisas na área da assistência psiquiátrica no estado. Neste artigo serão apresentadas as etapas do processo de salvaguarda - higienização e acomodação - que vem sendo realizado com os prontuários, bem como a criação de um bando de dados, que busca auxiliar futuros pesquisadores. Cabe ressaltar que este projeto é realizado em uma parceria entre o Ipq/SC e a Universidade do Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: acervo; prontuários; salvaguarda.

Completando 2 anos de existência neste mês de novembro, o Centro de Documentação e Pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina - CEDOPE/Ipq/SC - apresenta uma trajetória de conquistas e bons resultados frente a sua proposta de atuar como protetor de um amplo acervo documental e incentivador da realização de pesquisas na área da história da loucura e psiquiatria. Mentoras desse projeto, Eliani Costa² e Viviane Trindade Borges³ estabeleceram uma parceria entre o Ipq/SC e a Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC - em meados de 2011 e combinando suas diferentes áreas de atuação, saúde e ciências humanas, deram início a realização deste trabalho.

Inaugurado em novembro de 2011 o CEDOPE realiza o trabalho de salvaguarda de um amplo acervo, pertencente ao antigo Hospital Colônia Sant'Ana - HCS⁴ - criado em 1941. Datados desde a década de criação do HCS, os documentos vão de puramente institucionais, como relatórios, mensagens, livros de registros e prontuários à fotografias, depoimentos orais e objetos museológicos. Entre as conquistas e resultados obtidos destaco: o espaço dentro do Ipq/SC para realização do trabalho, com sala de reuniões, salas para abrigar o acervo e área para exposições, além dos materiais necessários; trabalhos publicados em revistas e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH - da UDESC sob orientação da Profa. Dra. Viviane Trindade Borges. Bolsista PROMOP. Email: brunasviana@gmail.com.

² Doutora em História da Enfermagem pela UFSC e coordenadora do CEDOPE/Ipq/SC.

³ Doutora em História pela UFRGS, professora do curso de História da UDESC e coordenadora do CEDOPE/Ipq/SC.

⁴ Em 1996 o HCS foi transformado em duas novas unidades assistenciais. O Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina (IPq-SC), para internação de pacientes com curta permanência, e o Centro de Convivência Santana (CCS) para os pacientes remanescentes da antiga instituição (COSTA, 2010).

apresentados em eventos utilizando os documentos citados como fonte para a pesquisa; trabalhos de conclusão de curso e a realização de 3 exposições.

O HCS foi inaugurado em 1941, durante o governo de Nereu Ramos, e em 4 de janeiro de 1942 recebeu os seus primeiros pacientes, transferidos do Hospital de Azambuja, instituição particular localizada na cidade de Brusque, seguidos dos doentes do Hospício Municipal Oscar Schneider, em Joinville. Diferente destas duas instituições, que até então prestavam assistência aos alienados em Santa Catarina, em sua fundação, o HCS seria destinado a um tratamento com respaldo científico, de acordo com os estudos na área da medicina psiquiátrica do período. A criação do HCS obedeceu a um processo de modernização e higienização da cidade, contribuindo para a segregação e normatização da conduta da população. Neste processo, foram criadas outras instituições cuja proposta previa o isolamento, tais como o Abrigo para Menores (1940), o Leprosário Santa Tereza (1940) e o Hospital Nereu Ramos (1943), este último destinado aos tuberculosos e portadores de outras doenças infectocontagiosas.

Cabe ressaltar que todo o trabalho com a documentação do HCS foi e continua sendo possível graças ao apoio da UDESC, através de concessão de bolsas de extensão aos alunos, verba para compra de equipamentos e transporte, e do Ipq/SC, cedendo o espaço, alimentação aos participantes e uma secretária. Neste artigo apresentarei uma das principais frentes de atuação do Centro: higienizar e acomodar mais de 20 mil prontuários do antigo HCS e criar um instrumento de pesquisa para possibilitar a realização de trabalhos com essa documentação.

A importância do incentivo para a realização de pesquisas utilizando o acervo mencionado se dá em grande parte pela escassez de trabalhos na área de história sobre a psiquiatria e loucura no estado de Santa Catarina. Levando em conta a produção historiográfica brasileira, Yonissa Marmitt Wadi (2009) destaca que essa escassez é muito mais representativa no que tange a problemática do tempo presente. A maior parte da produção sobre o tema concentra seu recorte do século XIX à 1930. A autora ressalta que pouco se encontra a respeito da história mais recente, mais precisamente da Reforma Psiquiátrica, nos diferentes estados brasileiros, muito relacionado à desconfiança ainda presente em relação a história do tempo presente.

Compartilhando da visão apresentada por François Dosse (2012, p. 7) da história do tempo presente não como “um simples período adicional destacado da história contemporânea, mas uma nova concepção da operação historiográfica.”, considera-se que a

pesquisa com a problemática dessa temporalidade, independente do recorte ser mais contemporâneo de quem escreve ou longínquo, pode contribuir para a compreensão da construção do nosso presente. Dessa forma, ainda de acordo com o autor, a história do tempo presente “está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo. Ela se diferencia, portanto, da história imediata porque impõe um dever de mediação.” (2012, p. 6).

Antes de entrar mais detalhadamente na descrição do trabalho de preservação realizado pelo CEDOPE com os prontuários, cabe uma breve identificação do que são esses documentos. Os prontuários são documentos únicos, relativos a um indivíduo, onde são anotadas e anexadas todas as informações a respeito do perfil e da trajetória dos internos dentro de uma instituição. Nos prontuários do HCS podem constar: dados gerais do paciente, como nome, idade, cidade natal, profissão, escolaridade, local de residência, nome dos pais, internante e etc; exames realizados no ato de entrada; diagnóstico; tratamentos empregados; ficha de eletrochoque; ficha de insulino terapia; ficha de praxiterapia; medicamentos utilizados; controle do peso corporal; controle do ciclo menstrual; exame da constituição; exames de laboratório; todo movimento hospitalar, com as datas de entradas e saídas; cartas escritas pelos pacientes e fotografias. Importante ressaltar que nem sempre os prontuários contam com todos os dados preenchidos, muitos carecem de informações e nem tudo que foi elencado acima se aplica a todos os pacientes.

As cartas dos pacientes eram anexadas aos prontuários para serem analisadas pelos médicos, pois se acreditava ser possível identificar sintomas da doença através do que o (considerado como) louco havia escrito. O prontuário de Pierina, utilizado por Yonissa Marmitt Wadi para elaboração de sua tese, é um exemplo disso. Nas cartas constavam as explicações da interna para o que a haviam levado a cometer um crime, porém elas nunca chegaram ao destinatário, permaneceram anexadas ao prontuário de Pierina.

Praxiterapia é uma técnica psiquiátrica de tratamento que consiste na utilização terapêutica do trabalho. No Hospital Colônia Sant’Ana: “A praxiterapia se caracterizava por atividades desenvolvidas nos diversos serviços e setores que a instituição possuía, tais como: a serraria, olaria, carpintaria, moinhos de trigo, suinocultura, agricultura (horta), capinação, engenho de cana e produção de mandioca, destilaria, lavanderia, costura, cozinha e limpeza.” (BORENSTEIN et al., 2007, p. 668).

Os prontuários sob guarda do CEDOPE são datados desde a chegada dos primeiros internos no HCS, em 1942, à década de 1970, sendo que constam, salvo casos isolados que

possam existir mas que até o momento não tem-se informação, de todos os pacientes que por lá passaram, constituindo um conjunto documental de aproximadamente 22 mil prontuários. Até 2012 estiveram sob responsabilidade do Serviço de Atendimento Médico e Estatísticas – SAME – do Ipq/SC, eram acomodados dentro de uma sala, em prateleiras de madeira. Apesar de não contarem com nenhum tipo de proteção, como estar dentro de caixas ou em ambiente climatizado, os prontuários encontravam-se em bom nível de preservação, não apresentando defasagens, manchas em decorrência de umidade ou perfurações.



Sala pertencente ao SAME, onde se encontravam acomodados os prontuários. Fonte: Acervo do CEDOPE.

Antes de serem transferidos do SAME ao CEDOPE, com o objetivo de que fosse realizada a salvaguarda desta documentação, os prontuários foram digitalizados por uma empresa contratada pela Secretária de Estado da Saúde de Santa Catarina, através de um projeto do Governo do Estado que visa digitalizar todos os prontuários das instituições hospitalares públicas da Grande Florianópolis. Da empresa que realizou a digitalização, os prontuários retornaram em caixas de papelão, num total de 550 caixas. Ao SAME continuam pertencendo os prontuários datados a partir de 1970.

A partir do retorno dos prontuários ao HCS essa documentação passou a ser submetida a um trabalho de higienização e acomodação pelos bolsistas e voluntários do projeto de extensão *Arquivos marginais: crime e loucura em Santa Catarina*, todos alunos do curso de

História da UDESC⁵. Inicialmente, individualmente, por página, eles são higienizados, com a utilização de trinchas, e são retirados todos os metais que possam conter, como cliques ou grampos. Logo após, são acomodados em caixas de arquivo de plástico polionda, visando à proteção contra parasitas, calor e umidade, o que resultará na preservação desses documentos por mais tempo.



Sala do CEDOPE, onde estão sendo acomodados os prontuários. Fonte: Acervo do CEDOPE.

A ordem que estão sendo mantidos os prontuários obedece à ordem adotada pelo SAME, conservada também pela empresa de digitalização. Não obedece nem a ordem alfabética e nem a ordem de entrada dos pacientes. Apesar disso, foi fornecida pela empresa uma planilha Excel, onde se encontram os nomes de cada paciente, bem como seu número de entrada no Hospital e o número da caixa onde seu prontuário se encontra. Essa ferramenta possibilita que pelo nome ou número de entrada do paciente qualquer prontuário seja localizado nas caixas. Este método de organização facilita a procura dos pacientes por parte da família, por exemplo, já que basta saber o nome do indivíduo.

Entretanto, pensando no pesquisador, para o qual não importa necessariamente um indivíduo específico, mas o período em que um grupo de indivíduos estiveram internados, ou ainda as faixas etárias, procedências, sexos e etc, será uma grande dificuldade realizar sua pesquisa possuindo apenas a planilha contendo nomes e números de entrada. Neste sentido, a este instrumento de pesquisa (planilha Excel) o trabalho realizado no CEDOPE está anexando

⁵ Ana Terra de Leon, Ana Carolina Plentz, Murilo Maluche Schaefer, Jonas Nascimento, Lucas Kammer Orsi.

novas informações, que são: número do prontuário, número da caixa onde estavam alocados, procedência do interno, nacionalidade, sexo, diagnóstico, internante, datas de entrada no hospital, saída ou óbito. Este documento funcionará como instrumento de busca, através da procura por diferentes tipos de informação. Tal processo é lento, mas facilitará a futuros estudantes a realização de pesquisas no acervo.

Para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso⁶ utilizei como instrumento de pesquisa apenas a planilha Excel fornecida pela empresa, através da qual, como já dito, só é possível chegar aos prontuários sabendo o nome do paciente. O recorte de pesquisa proposto para o trabalho, que procurou analisar os casos de crianças e jovens internados no HCS, foram de 3 anos, entre 1942 e 1944. Para localizar os prontuários foi de extrema importância, além da planilha fornecida pela empresa, a consulta aos Livros de registro do HCS. Neles encontram-se registrados em ordem de chegada todos os indivíduos que deram entrada no hospital, constando diversas informações, entre elas: idade, sexo, procedência, residência, internante e etc. Assim, foi possível selecionar os internos a partir da idade que consta no Livro.

Importante considerar que essa forma de investigação só foi possível devido ao estreito recorte proposto – 3 anos. O mesmo não poderá ser realizado em pesquisas que procurem abranger períodos mais amplos. Pesquisadores que pretendem analisar os prontuários de homens ou mulheres que passaram pelo hospital em determinado período; indivíduos de uma mesma nacionalidade, como nos estudos sobre imigrantes; ou ainda, aqueles que receberam um diagnóstico específico, precisarão folhear com atenção todas as páginas dos muitos e enormes livros de registros para encontrar o que desejam. Com o instrumento de busca bastarão utilizar palavras-chave, como para o sexo: *feminino* ou *masculino*; nacionalidade: *italiana* ou *alemã*, considerando a maior expressão de imigrantes do estado ou o diagnóstico: *esquizofrenia*, *oligofrenia*, *psicose-maníaco depressiva*, por exemplo, para que todos os prontuários onde constam esses dados sejam elencados. Por conta disso se dá a importância do trabalho de criação de um instrumento de busca desenvolvido pelo CEDOPE.

Como já dito anteriormente, trata-se de um trabalho lento, que poderá levar alguns anos para ser concluído. Provavelmente ao longo dessa trajetória muito será mudado em relação a metodologia utilizada hoje por nós, talvez se acrescente mais informações, ou até

⁶ **Entre discursos e práticas:** menores e loucura no Hospital Colônia Sant'Ana (1942-1944). 2013. 62 fls. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2013.

mesmo se crie outro instrumento de busca, porém, o importante é que os primeiros passos já estão sendo dados e já existe a possibilidade de se realizar pesquisa. Para continuar em andamento conta com a continuação dos projetos e parcerias, entre Ipq/SC e UDESC, ou outras universidades, pois é o que possibilita a atuação de estudantes no local. Outra opção seria a contratação de funcionário/s especializado/s para atuar na instituição, mas para isso existe ainda um caminho a ser trilhado, de conquista de mais reconhecimento por aqueles que não estão envolvidos em nossa área de atuação.

A quantidade de informações, possibilidades de olhares e interpretações que os prontuários, entendidos como fontes para a construção da história, podem trazer ao pesquisador são inúmeras. Podemos analisá-los tomando como foco as práticas disciplinares empreendidas pela instituição; investigar, a partir destes, as concepções médicas em voga no período ou ainda, perceber o cotidiano da instituição e as práticas de resistência dos internos. Para isso, é preciso que as informações contidas nos prontuários extrapolem as perguntas diretas e as respostas curtas dos formulários, deixando transparecer a subjetividade de quem preencheu o documento institucional.

Campos (2004), tomando prontuários como fonte de pesquisa, ressalta que os significados que este tipo de documentação é capaz de trazer extrapolam a dimensão de um laudo técnico, revelando possibilidades e representações acerca das relações sociais. O que foi em determinado momento preenchido apenas para cumprir uma exigência legal, como é o caso de prontuários, desvela ao olhar atento do historiador uma série de brechas que possibilitam compreender práticas sociais de um período.

De acordo com Yonissa Marmitt Wadi (2004, p. 40), referindo-se as cartas anexadas ao prontuário de uma paciente do Hospital São Pedro, do início do século XX: "(...) as palavras de Pierina só chegaram a mim porque – como ela própria – foram capturadas pelo poder do saber médico (...)". O prontuário foi a principal fonte utilizada pela autora para seu trabalho de doutorado *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*, onde ela ressalta que o poder institucional, e aí podemos pensar nas exigências legais, como citado acima, foi o que fez com que fragmentos da vida da paciente chegasse até os dias de hoje.

Outro importante trabalho na área da história que utiliza prontuários médicos como fonte é *Loucos nem sempre mansos* (2012, p. 38), de Viviane Trindade Borges. Segundo a autora eles são de grande importância "pois trazem informações sobre a vida dos pacientes antes da internação, os motivos que levaram a esta na visão da equipe médica e indicações de várias práticas psiquiátricas do período". Ao se ter acesso à informações que possibilitem

compreender como se deu o processo de identificação do indivíduo como louco dentro do família e perante os médicos, também estamos levantando aspectos que nos ajudam a entender um pouco da própria dinâmica social.

Claudio Bertolli Filho (1996, p. 173) destaca que o uso de prontuários como fonte surge “como forma de superação do declarado desconhecimento do paciente na perspectiva histórica”, ou seja, em sua perspectiva essa documentação possibilita ouvir a voz daqueles que raramente podiam se pronunciar, silenciados pelo forte discurso institucional. Embora essa seja uma real possibilidade, existe a ressalva de que nem sempre esses documentos apresentarão escritos de pacientes, tais como cartas e fotografias, o que se torna um risco para quem procura necessariamente por essas características e se depara apenas com as anotações simplistas de funcionários. O perigo estaria em construir uma narrativa institucional, que contribua para silenciar os ditos como loucos.

Nesses casos, faz-se necessário lançar mão da perspectiva apontada por Borges (2012), que citando Benjamin (1994, p. 225), propôs-se a “escovar a história a contrapelo”:

A análise, sob essa perspectiva, torna-se pertinente na medida em que, entre as fontes, existem documentos que procuram imprimir uma determinada versão “oficial” dos internados. Assim, procurou-se fazer um uso subversivo de tais fontes na tentativa de perceber o cotidiano e as formas de resistência dos pacientes nas entrelinhas dos documentos oficiais como, por exemplo, os livros de ocorrências e os prontuários. (BORGES, 2012, p. 38)

Assim, nas entrelinhas dos registros institucionais é possível elaborar uma leitura à contrapelo, que procure enxergar os desviantes nos escritos daqueles que buscavam controlar seu cotidiano dentro do espaço de internamento.

É preciso destacar, também, os cuidados éticos que precisam ser tomados pelo pesquisador ao fazer uso deste tipo de fonte. Tratam-se de documentos sensíveis, que referem-se a vidas pessoais, podendo expor os indivíduos e suas famílias. Para a realização da pesquisa no CEDOPE é exigido a apresentação da Carta de Aprovação no Comitê de Ética (Plataforma Brasil), além disso, os projetos propostos são avaliados pelas coordenadoras, visando garantir a integridade e o sigilo das informações. Alguns dos cuidados importantes a serem considerados é a utilização de pseudônimos ou iniciais dos nomes ao fazer referência aos internos, de forma a garantir seu anonimato. Também é possível mudar as datas em que as pessoas permaneceram internadas, impedindo sua identificação.

Levando em conta minha experiência utilizando prontuários como fonte de pesquisa, para a elaboração de um TCC, gostaria ainda de discorrer sobre algumas características

importantes dessa documentação, que exigem atenção do pesquisador ao analisá-las. Como qualquer tipo de fonte, exige algumas especificidades são refletidas na metodologia adotada pelo estudioso que se debruça sobre elas.

Para a análise dos prontuários é, com frequência, extremamente importante o auxílio de profissionais de outras áreas, como da enfermagem e da medicina. Segundo Bertolli Filho (1996, p. 176), "o caráter marcadamente 'técnico' dos itens" contidos nos formulários dos pacientes, podem assustar pesquisadores da área de ciências humanas, não familiarizados com os termos. Por isso, além de um trabalho multidisciplinar, é importante uma aproximação com a terminologia da área da saúde. O fato de o CEDOPE localizar-se dentro das dependências do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (IPq/SC), e de sua coordenação fazer parte uma enfermeira, Eliani Costa, foi o que possibilitou, quando da realização do meu trabalho, a aproximação com profissionais de outras áreas. Trabalhar dentro do Ipq/SC possibilita o convívio com antigos funcionários, enfermeiros, médicos e pacientes, sem os quais não seria possível se familiarizar com a história do Hospital e com os documentos.

Além do cuidado com termos próprios de cada área de conhecimento, é preciso estar atento as mudanças de significado das expressões e palavras ao longo do tempo. Logo no primeiro contato com os prontuários dos menores internados, que analisei para elaboração do TCC, deparei-me com o termo *idiota*. A princípio, houve um estranhamento e a expressão aparentou ter um caráter pejorativo, até mesmo ofensivo, afinal é uma palavra usada corriqueiramente em nosso dia-a-dia, utilizada com o intuito de ofender alguém. Porém, naquele contexto, *idiota* era o termo usado para denominar indivíduos com atraso no desenvolvimento intelectual, hoje em desuso. Constava inclusive nos livros de medicina da época.

A organização de um centro de documentação e pesquisa no Ipq/SC vem possibilitando a salvaguarda de um amplo acervo, essencial para a escrita da história da assistência psiquiátrica no estado de Santa Catarina. Incentivar e possibilitar a realização de pesquisas acerca do tema é o maior objetivo do CEDOPE, que já vem colhendo frutos com trabalhos realizados pelos envolvidos no projeto. Buscamos dar continuidade aos projetos, sempre abertos para possíveis mudanças nas metodologias adotadas, com vistas a contribuir para a melhoria e aperfeiçoamento do trabalho realizado com o acervo.

Referências

BERTOLLI FILHO, Claudio. **Prontuários médicos**: fonte para o estudo da história social da medicina e da enfermidade. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 173-180, 1996.

BORGES, Viviane Trindade. **Loucos nem sempre mansos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

_____. **Um "Depósito de gente"**: as marcas do sofrimento e as transformações no antigo Hospital Colônia Sant'Ana e na Assistência Psiquiátrica em Santa Catarina (1970-1996). Artigo aprovado para publicação, aguardando publicação da Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos (em: 30/11/2012).

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Os enfermos da razão**: cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960-1980). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

COSTA, Eliani. **Hospital Colônia Sant'Ana**: O saber/poder dos enfermeiros e as transformações históricas (1971-1981). 2010. 299 f. Tese (Doutorado) - Ufsc, Florianópolis, 2010.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun. 2012.

SCOTTI, Zelinda Rosa. **Os prontuários** do Hospício São Pedro: metodologia para formação de banco de dados. **Revista Ágora**, Vitória, n.12, 2011, p.1-12.

VIANA, Bruna da Silveira. **Entre discursos e práticas**: menores e loucura no Hospital Colônia Sant'Ana (1942-1944). 2013. 62 fls. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2013.

WADI, Yonissa Marmit. **A história de Pierina**: subjetividade, crime e loucura. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. Uma história da loucura no Tempo Presente: os caminhos da assistência e da reforma psiquiátrica no Estado do Paraná. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 68-98, jan./jun. 2009.